

PALAVRAS, MUNDO E SIGNIFICAÇÃO: O LÉXICO DA PANDEMIA SOB UMA PERSPECTIVA SEMÂNTICO-COGNITIVA**LEXICAL MEANING AND THE WORLD: A COGNITIVE-SEMANTIC PERSPECTIVE ON THE PANDEMIC LEXICON**

Larissa Moreira Brangel¹
Ana Flávia Souto de Oliveira²

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar itens lexicais relacionados à pandemia do novo coronavírus a partir de uma perspectiva semântico-cognitiva. Os itens avaliados foram selecionados com base nos seguintes critérios: (i) designar conceitos importantes do português brasileiro com relação à pandemia, (ii) representar fenômenos cognitivos de extensão de significado, (iii) ter relação com aspectos culturais ou experiências específicas à pandemia e (iv) ter seu uso validado em ferramentas de busca na *web*. Os itens lexicais *covidário*, *máscara*, *cloroquina* e *CPI da Pandemia* foram analisados, respectivamente, sob o viés da teoria das metáforas e metonímias conceptuais, da teoria prototípica e da Semântica de Frames. O trabalho destaca, por um lado, o grande potencial explicativo de teorias da Semântica Cognitiva lexical para a descrição dos processos cognitivos envolvidos na criação e utilização do léxico analisado, dando conta da flexibilidade e da dinamicidade do significado linguístico. Por outro lado, o trabalho evidencia o papel da noção de *conhecimento enciclopédico* para a caracterização semântica dos itens lexicais avaliados, permitindo contemplar a importância de aspectos sócio-cultural na análise semântico-lexical.

PALAVRAS-CHAVE: Covid-19. Semântica Cognitiva. Léxico. Significado enciclopédico.

ABSTRACT: The present paper aims at analyzing Brazilian Portuguese lexical items related to the new coronavirus pandemic from a cognitive-semantic perspective. Lexical items were selected based on the following criteria: lexical items (i) that designate important concepts regarding the pandemics; (ii) that represent a cognitive phenomena of meaning extension; (iii) that are related to cultural aspects or to experiences directly related to the pandemics; (iv) that have their usage verified in web search engines. Conceptual metaphor theory, prototype theory and frame semantics were used to analyze the items *covidário* [COVID wing], *máscara* [mask], *cloroquina* [chloroquine], and *CPI da Pandemia* [Pandemics Congressional Investigation Commission]. The study highlights the descriptive adequacy cognitive semantics provides to the evaluation of the flexibility and the dynamicity of the pandemic lexicon. It also sheds light on the role encyclopedic knowledge plays in accurately describing socio-cultural issues involved in this type of semantic analysis.

KEY-WORDS: Covid-19. Cognitive Semantics. Lexicon. Encyclopedic meaning.

1 Introdução

A pandemia da Covid-19 marcou o ano de 2020 com uma crise global de impactos ainda imensuráveis. Em um momento histórico diferente daquele encontrado pelo vírus H1N1, causador da grande pandemia ocorrida entre os anos de 1918 e 1920, o novo coronavírus surgiu e se espalhou em uma sociedade distinta da sociedade do início do século XX, fato que acabou por imprimir características próprias e inéditas em todo o conhecimento que se tinha sobre pandemias. A vasta malha aérea que permitiu o deslocamento massivo de pessoas contaminadas para diferentes lugares do mundo, o avanço tecnológico, em especial da Internet, que permitiu a difusão acelerada de informações verídicas e inverídicas sobre a crise sanitária, e o progresso da pesquisa científica sobre doenças infecciosas e seus agentes causadores, que viabilizou o

¹ Doutora em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – E-mail: larissabrange@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6850-3590>

² Doutora em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Santa Maria – E-mail: ana.oliveira@ufsm.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0248-3870>

desenvolvimento de vacinas contra a Covid-19 em tempo recorde, conformam uma pequena amostra de fatores que delinearão a face da recente pandemia.

Não por acaso, diferentes países e povos ao redor do mundo tiveram suas vidas atingidas no ano de 2020, tanto pelas consequências naturais da Covid-19, que se espalhou pelos cinco continentes em questão de meses, como também pelas medidas sanitárias de contenção da pandemia, que surgiram como uma tentativa emergencial de redução da propagação da doença e de suas consequências. Assim, ao término do ano 2020, foi possível constatar que os efeitos da pandemia atingiram a todos de maneira transversal e indiscriminada, em maior ou menor grau, impondo novos hábitos à sociedade do século XXI.

Esses impactos sociais ocasionados pela pandemia do novo coronavírus se refletiram substancialmente na língua, instância na qual foi possível registrar e observar o vasto repositório de novos conhecimentos envoltos em itens lexicais que tiveram sua origem influenciada pela nova realidade. Isso porque a pandemia ocasionou experiências inéditas à população mundial, suscitando a criação de novas categorias linguísticas e a expansão de outras já existentes, pela necessidade de nomear conceitos que antes não estavam lexicalizados ou que não faziam parte do repertório lexical da língua geral.

Um exemplo bastante emblemático da saliência desse novo léxico pode ser verificado na tradicional “palavra do ano” escolhida anualmente pelo *Oxford English Dictionary*³, que, em 2020, selecionou não apenas uma, mas uma lista de palavras para caracterizar “um ano sem precedentes” [*an unprecedented year*], nas palavras dos lexicógrafos do projeto. Dentre as palavras do ano, destacam-se *Coronavirus* [Coronavírus], *lockdown* [fechamento total], *social distancing* [distanciamento social] e *reopening* [reabertura]. No cenário lexicográfico brasileiro, é possível citar a inclusão de 65 novos verbetes relacionados à pandemia na sexta edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP), publicada em 2021 pela Academia Brasileira de Letras. Dentre as novas palavras lematizadas pelo VOLP, encontram-se, por exemplo, *Covid-19*, *negacionismo*, *necropolítica*, *home office* e *lockdown*.⁴

Tanto as palavras eleitas pelo *Oxford English Dictionary* em 2020 e 2021 quanto a atualização da nominata do VOLP registram, de maneira formal e com base em dados científicos, os impactos das mudanças instauradas pela pandemia do novo coronavírus em duas línguas distintas, o inglês e o português. Em relação à língua portuguesa, interesse maior do presente estudo, cumpre também evidenciar a extensa gama de trabalhos recentes empenhados em analisar a associação entre a pandemia do novo coronavírus e a linguagem. Embora partam de distintos referenciais teóricos e utilizem procedimentos metodológicos diversos, esses estudos conformam um corpo de conhecimentos que ajuda a compreender diferentes fenômenos por trás de conceitos e de itens lexicais relacionados à pandemia, além de oferecer boas bases para a observação do comportamento da língua portuguesa nesse período peculiar da história da humanidade. Vejamos, nos próximos parágrafos, alguns exemplos desse corpo de

³A *Oxford word of the year* consiste em uma palavra ou expressão eleita e divulgada ao término de cada ano por ter sido alvo de interesse dos falantes da língua inglesa nos últimos doze meses da data de sua divulgação. Em 2017, a palavra do ano foi *youthquake* (sem equivalente em língua portuguesa, mas que em uma tradução livre significa algo como “terremoto jovem”, fazendo menção a mudanças políticas, sociais e culturais resultantes da ação e da influência de pessoas jovens), em 2018, a palavra eleita foi *toxic* [tóxico] e, em 2019, *climate emergency* [emergência climática]. É interessante também mencionar a escolha por um emoji como palavra do ano de 2015. Na ocasião, pela primeira vez, a palavra do ano de Oxford não foi uma palavra, e sim o emoji *face with tears of joy*, que reproduz um rosto lacrimejando de tanto rir. Nesse caso em especial, ficou evidente que o engajamento político nem sempre pauta a escolha pela palavra do ano, um fato que parece ter mudado na escolha das palavras representativas de 2020. Em 2021, a palavra do ano foi *vax*, uma forma reduzida de *vaccine* [vacina], fazendo também uma clara alusão aos efeitos da pandemia no ano de 2021.

⁴Essas e outras novas palavras podem ser consultadas na página do VOLP (<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/vocabulario-ortografico>), onde também é possível encontrar a apresentação da 6ª edição da obra, que explica com maior detalhamento as mudanças incorporadas ao dicionário.

conhecimentos.

Costa (2021) analisa a mudança na frequência de uso de itens lexicais na mídia portuguesa, numa comparação entre um *corpus* de março de 2019 e um *corpus* de março de 2020, ocasião em que se registrou o início do aumento de casos de Covid-19 em Portugal. No primeiro *corpus*, foi constatada a presença de um léxico diversificado e, conseqüentemente, uma pluralidade temática. Já no *corpus* de março de 2020, os dados apontam para o predomínio entre os itens de conteúdo mais frequentes daqueles referentes à pandemia, que não estavam presentes no *corpus* de 2019, como *confinamento*, *pandemia*, *quarentena*, *máscara(s)* e *videoconferência*. Além disso, a autora avalia as diferentes metáforas conceptuais utilizadas para a compreensão da doença, como VÍRUS É INIMIGO e PANDEMIA É PERTURBAÇÃO DA NATUREZA. Segundo a autora, essas metáforas que utilizam como fonte “os modelos cognitivos bélico e cataclísmico podem suscitar o medo na população, levando a que respeitem as regras impostas, nomeadamente as de distanciamento social. Podem, ainda, fomentar a mobilização dos cidadãos para uma atuação coletiva contra um inimigo comum” (COSTA, 2021, p. 89).

No âmbito da inovação lexical, Silva e Maia (2021) analisam os processos envolvidos na criação de neologismos da pandemia identificados em textos midiáticos do português do Brasil, como *comunavírus*, *covidão* e *ensino remoto*. Os autores avaliam, com base em um critério lexicográfico de exclusão, a utilização de diferentes processos, principalmente morfológicos, que deram origem à lexicalização de novos conceitos, que evidenciam a maneira como “a dinâmica da sociedade reflete na língua, sobretudo na expansão do léxico [...] que também refletem a evolução do conhecimento, afinal, a maioria dos neologismos apresentados tem caráter especializado” (SILVA; MAIA, 2021, p. 6099). Os autores, ainda concluem que “isso demonstra a importância da ciência nas nossas vidas e o papel dos meios de comunicação como ‘tradutores’ das novidades científicas e tecnológicas ao grande público” (SILVA; MAIA, 2021, p. 6099).

Na mesma esteira de investigação, porém com caráter mais analítico, Ferraz e Liska (2021) destacam a relação entre língua, sujeito e mundo na avaliação de criações lexicais relacionadas à pandemia de Covid-19 extraídas de manchetes de jornal. Os autores ressaltam, de modo geral, que:

a renovação do léxico é um fenômeno permanente, vinculado à dinâmica da língua, e, considerando-se que esta, sociedade e cultura são indissociáveis, o léxico, com seu estatuto semiótico, constitui uma forma de registrar a visão de mundo, o conhecimento geral e especializado, a realidade histórica e cultural e as diferentes fases da vida social de uma comunidade linguística (FERRAZ; LISKA, 2021, p. 1061).

No campo da fraseologia, Sampaio e Ribeiro (2021) analisam e discutem o fenômeno da desfixação lexical em unidades fraseológicas que subjazem memes brasileiros sobre a pandemia da Covid-19. Em seu estudo, os autores evidenciam o papel do uso da língua para a realização do fenômeno da desfixação, chamando a atenção para importantes aspectos envolvidos no processo, tais como a realidade vivenciada pelos brasileiros no momento da pesquisa e a criatividade desses falantes na elaboração de memes sobre o momento histórico.

Ainda no domínio dos estudos do léxico, porém voltando a atenção para a Terminologia, Clempi e Balestero (2021) e Araújo et al. (2022) discutem a variação terminológica da linguagem especializada sobre a pandemia. Clempi e Balestero (2021) analisam a variação de termos sobre o coronavírus em uma rede social e encontram a utilização de variações denominativas para o termo (*corona*, *coronga*, *coronavírus*, *novo coronavíruse SARS-CoV-2*) e também de variação conceitual (variante de Covid-19 se apresentando ora como vírus - “o” Covid-19 -, ora como doença - “a” Covid-19). Araújo et al. (2022) analisam os termos

ventilador pulmonar, respirador e máscara em dois *corpora* distintos, um formado por textos técnicos e outro formado por textos midiáticos. Nas análises, os autores identificam a presença da variação denominativa e conceitual em ambos os *corpora*, ainda que de maneira diferente, demonstrando que a variação terminológica está presente até mesmo nos discursos altamente especializados, onde ela é menos esperada, e que a divulgação científica tende a intensificar ainda mais esse processo.

Os estudos ora mencionados conformam uma pequena amostragem da recente produção científica em língua portuguesa ocupada em discutir aspectos lexicais do português no contexto da pandemia do novo coronavírus. De forma geral, no âmbito de uma análise onomasiológica (que parte do conceito para as designações) (cf. (HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. *onomasiology*)), temos trabalhos que geralmente se restringem a analisar e explicar um fenômeno particular (por exemplo, as metáforas da pandemia e a variação designativa) ou, no âmbito de uma análise semasiológica (que vai da forma para os significados) (cf. (HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. *semasiology*)), os trabalhos que se propõem a classificar criações neológicas no contexto da pandemia. O presente trabalho, alinhado aos mesmos interesses de pesquisa, filia-se a esse nicho de investigações, porém, propondo uma discussão mais abrangente sobre a maneira pela qual o léxico do português brasileiro vem sendo impactado pela pandemia do novo coronavírus, com base em uma abordagem cognitiva da linguagem.

O estudo aproxima e relaciona categorias conceituais a categorias linguísticas, dois objetos de análise que encontram-se imbricados na ótica da Semântica Cognitiva, e analisa as categorizações e os fenômenos que atuam sobre essas categorizações com base nos postulados sobre linguagem e cognição sustentados nas teorias que se alinham a essa perspectiva teórica. O aparato teórico selecionado para discutir tais fenômenos baseia-se nos postulados da Semântica Cognitiva Lexical, em especial nas contribuições de Geeraerts, Fillmore, Lakoff e Langacker.

2 Semântica Cognitiva Lexical

A Semântica Cognitiva é um conjunto de teorias que, segundo Geeraerts (2010), adota uma perspectiva maximalista com relação à linguagem e ao significado linguístico. Essa teoria semântica assume uma perspectiva maximalista por abrandar a distinção entre Semântica e Pragmática, por enxergar a língua em grande parte no contexto da cognição e por eleger o uso da língua como base metodológica para a Linguística (GEERAERTS, 2010). Para a Semântica Cognitiva, as capacidades gerais de raciocínio humano e os fenômenos envolvidos na linguagem seriam regidos pelos mesmos tipos de processos cognitivos. Assim, a linguagem é analisada no contexto da cognição, como se oferecesse uma janela para a função cognitiva (EVANS; GREEN, 2006), fornecendo acesso aos processos mentais.

A Semântica Cognitiva consolida-se a partir de uma visão atuacionista de cognição (ou cognição corporificada), segundo a qual a cognição é entendida em termos da atuação do ser sobre o ambiente no qual encontra-se inserido, diante das possibilidades e das limitações de sua própria estrutura e da estrutura do mundo ao seu redor (PELOSI, 2014). Essa concepção de cognição é fundamental para se entender a essência da teoria, uma vez que a visão atuacionista concebe a cognição a partir de uma visão integradora entre cérebro, mente e corpo e o mundo (PELOSI, 2014), alicerçando, desse modo, todo o arcabouço da Semântica Cognitiva.

Assim, são aspectos fundamentais do significado linguístico: (i) o fato de a gramática não ser autônoma, ou seja, depender do mesmo sistema cognitivo que é responsável por outras capacidades humanas (LANGACKER, 2008); conseqüentemente, (ii) essa visão de cognição ampla implica a atuação dos mesmos mecanismos nessas diferentes capacidades e nos

diferentes níveis da linguagem (LAKOFF, 1990). Além disso, a Semântica Cognitiva (iii) ressalta a importância da experiência física e social e de aspectos imaginativos para a linguagem, materializados em propostas teórico-metodológicas como a Semântica de Frames (FILLMORE, 1982), a Teoria da Metáfora (e da metonímia) Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e a teoria da Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER, 1997).

Especificamente com relação ao léxico, entende-se que as palavras não carregam significado, mas orientam a construção do sentido (EVANS; GREEN, 2006), dando lugar a uma ampla gama de processos conceituais responsáveis pela construção do significado. Ao reverberar a visão atuacionista de cognição, a Semântica Cognitiva abre espaço para investigações que analisam o léxico de uma língua levando em conta fatores de ordem social, histórica e cultural que motivam o surgimento de novas palavras e de novos conceitos pela mente dos falantes. Nesse sentido, são chamadas de Semântica Cognitiva Lexical as abordagens ao léxico que ressaltam a “natureza conceptual, dinâmica e enciclopédica do significado lexical” bem como sua “dimensão social e cultural” (SOARES DA SILVA, 2010, p.27-28).

Geeraerts (2010) apresenta quatro contribuições da Semântica Cognitiva para o estudo do significado das palavras, quais sejam, (i) o modelo prototípico de estruturação das categorias, (ii) a teoria das metáforas (e metonímias) conceptuais, (iii) os modelos cognitivos idealizados e a teoria dos frames e (iv) as contribuições da Semântica Cognitiva aos estudos sobre mudança do significado. Esses modelos e contribuições teóricos, que marcaram a história da Semântica Cognitiva por ganharem força em sua agenda de estudos no decorrer das últimas décadas, assumem um papel importante na presente pesquisa, uma vez que conformam ferramentas úteis para o estudo de conceitos e de designações surgidas no âmbito da pandemia. Cabe salientar, também, que não são poucas as pesquisas que se propõem a averiguar o papel da cognição no entendimento e na conceptualização da pandemia tomando como base a mesma visão atuacionista de cognição defendida pela Semântica Cognitiva. São exemplos de pesquisas desse tipo a contribuição de Wicke e Bolognesi (2020), que analisaram diferentes *frames* que moldaram o discurso de não especialistas sobre a Covid-19 nos primeiros meses da pandemia, e de Gui (2021), que observou as mudanças no *frame* e a pluralidade de metáforas por trás de textos midiáticos sobre Covid-19 no transcorrer da pandemia. Estudos dessa natureza refletem preceitos fundamentais da Semântica Cognitiva ao reverberarem a ideia de que o significado é flexível pragmática e contextualmente, que consiste em um fenômeno cognitivo que ultrapassa as barreiras da palavra e que está relacionado à perspectivação (GEERAERTS, 2010).

O presente trabalho se ancora em pressupostos da Semântica Cognitiva Lexical por acreditar que as mudanças linguísticas instanciadas pela pandemia do novo coronavírus na língua portuguesa advém de fatores que transcendem o aspecto lexical, encontrando suas origens no modo como os falantes do português brasileiro categorizam e conceptualizam a realidade imposta pela pandemia.

3 Metodologia

As próximas seções apresentam, analisam e discutem itens lexicais do português brasileiro que se originaram ou tiveram seu significado alterado no contexto da pandemia. Cada item lexical está intimamente relacionado a um fenômeno estudado pela Semântica Cognitiva, sendo que as análises procuram demonstrar o modo como esses fenômenos conceituais incidem sobre os itens lexicais e seus respectivos significados para que os mesmos possam tomar a sua forma atual. Os itens lexicais apresentados, portanto, não foram selecionados ao acaso, e sim

de acordo com o fenômeno semântico cognitivo subjacente a cada um e também pela sua relevância no quadro da pandemia no Brasil.

Ainda sobre o aspecto teórico-metodológico, cumpre salientar que os itens lexicais selecionados para análise foram extraídos da nominata da obra *LEXICovid-19: dicionário enciclopédico do novo coronavírus* (OLIVEIRA, 2020). O dicionário é produto de um projeto sobre os discursos da Covid-19 no Brasil e apresenta palavras e expressões relacionadas à pandemia do novo coronavírus com base em uma análise e com uma estrutura organizada a partir da Semântica de *Frames*. Em linhas gerais, o dicionário representa um esforço em inserir o aparato teórico-metodológico da Semântica Cognitiva na compilação de obras lexicográficas e o material apresentado pelo dicionário foi organizado a partir de *corpora* sobre a Covid-19 especificamente compilados para o projeto (OLIVEIRA; PIPER; GATTI, 2021).

A partir da nominata do dicionário, foram selecionadas todas as unidades lexicais que:

- (i) Designassem conceitos importantes do português brasileiro com relação à pandemia, ou seja, itens que não fossem apenas periféricos à discussão e aos impactos sócio-culturais ocasionados pela Covid-19. Com base nesse critério, foram selecionados, em um primeiro momento, os itens lexicais: *auxílio emergencial*, *cloroquina*, *covidário*, *CPI da Pandemia*, *EPI*, *hospital de campanha*, *máscara*, *respirador*, *sommelier de vacina*, *xepa da vacina*.
- (ii) Representassem fenômenos cognitivos de extensão de significado ou deslocamento de um centro prototípico de aplicação (embora tenham sido selecionados com base no critério (i), *auxílio emergencial* e *hospital de campanha* foram desconsiderados pelo caráter literal ou pouco produtivo de uma análise semântica nos moldes propostos neste trabalho).
- (iii) Tivessem relação com aspectos culturais ou experiências específicas à pandemia (a partir desse critério, *respirador* foi desconsiderado, por ser um aparelho padrão para suporte respiratório em diversas situações clínicas).
- (iv) Tivessem seu uso validado em ferramentas de busca na *web* (por fim, *xepa da vacina* e *sommelier de vacina* foram desconsiderados, pois a maioria dos usos apresentava as expressões grafadas com aspas, ou seja, reconhecendo o caráter figurado e pouco convencional das expressões).

A partir de uma análise prévia da natureza do fenômeno semântico em questão, passou-se a delimitar qual teoria dentro do arcabouço linguístico-cognitivo poderia melhor descrever e explicar os fenômenos semânticos envolvidos em cada um dos itens lexicais que atendeu aos critérios acima. Dessa forma, a correlação entre os itens lexicais, os fenômenos semânticos apresentados por eles e as teorias semântico-cognitivas utilizadas foi a seguinte:

- extensão semântica com mudança de domínio ou deslocamento através de um veículo do próprio domínio: Teoria da Metáfora (e Metonímia) Conceptual - *covidário*;
- ampliação do centro prototípico de aplicação de palavra já existente: Teoria Prototípica - *máscara*;
- itens que representem diferença de *construal* ou perspectivação: Semântica de *Frames* – *cloroquina* e *CPI da Pandemia*.

Dessa forma, passa-se à análise dos itens lexicais selecionados, a saber, *covidário*, *máscara*, *cloroquina* e *CPI da Pandemia*.

4 Metáfora e metonímia: o caso de *covidário*

Para iniciar a discussão sobre o potencial analítico-explicativo da Semântica Cognitiva, dispensaremos nossas atenções ao item lexical *covidário*. O neologismo *covidário* é formado a partir da redução do nome Covid-19⁵ e do acréscimo do sufixo *-ário*, com o sentido de “local de cultivo, recipiente, depósito e afins”⁶ (HOUAISS, sv. *-ário*). Assim, tem-se um primeiro significado de *covidário* como o “Local, devidamente isolado e equipado que, num estabelecimento de saúde, se destina ao atendimento e ao tratamento de doentes com suspeita ou confirmação de infecção por Covid-19” (PRIBERAM, sv. *covidário*), como atualizado na sentença “‘Prontuário afetivo’ humaniza atendimento de pacientes em *covidário*”⁷.

Ainda que *covidário* seja uma criação lexical recente do português, já é possível observar a flexibilidade e a dinamicidade de seu significado. Em usos como “‘Brasil se tornou um grande *covidário*’, diz coordenador da Pfizer no Brasil”⁸, o sentido de *covidário* chama atenção por revelar uma extensão semântica do significado apresentado acima. No enunciado em questão, que se trata do título de uma reportagem, *covidário* não é mais utilizado para designar o local onde as pessoas são tratadas da Covid-19, passando a designar, na verdade, um lugar bastante propenso para a disseminação da doença, conforme sugerem as duras críticas contidas na reportagem.

Nesse caso específico, é interessante ressaltar alguns aspectos sobre as características de *covidário* que foram colocadas em evidência e as características que foram minimizadas para que a extensão semântica acontecesse. O mais provável é que as características que dizem respeito ao local onde se tratam pessoas com Covid-19, em que há grande potencial de contaminação devido à presença disseminada de vírus no ambiente, tenham sido utilizadas como veículo para atribuir tal característica ao alvo, o Brasil. O exemplo de *covidário* deixa transparecer que, mesmo que haja uma proximidade conceptual por conta da propriedade em destaque (a alta taxa de transmissão em razão da proliferação do vírus em um determinado local), há um deslocamento dessa propriedade de um domínio para outro domínio de aplicação, ou seja, de um lugar para um país. Esse deslocamento aponta para a ocorrência de uma provável metaftonímia [*metaphonymy*], termo cunhado por Goossens (1990).

A metaftonímia, como o próprio nome sugere, consiste em uma forma de interação entre a metáfora e a metonímia, dois fenômenos amplamente explorados na Semântica Cognitiva em razão da sua importância para o entendimento e para a criação de conceitos na mente humana (cf. LAKOFF; JOHNSON, 1980; BARCELONA SÁNCHEZ, 1996). Assim, tendo em vista que tanto a metáfora quanto a metonímia são concebidas como fenômenos conceptuais pela Semântica Cognitiva e que ambas podem estar atreladas aos mesmos domínios conceptuais, alguns teóricos vislumbram a interação entre esses dois fenômenos no sistema conceptual (EVANS; GREEN, 2006). No artigo seminal sobre o tema, Goossens (1990) defende que, embora metáfora e metonímia correspondam a processos cognitivos distintos, elas não se excluem mutuamente. O autor, então, analisa possíveis interações entre a metáfora e a metonímia e identifica algumas possibilidades lógicas dessas interações. Dentre as possibilidades lógicas, Goossens (1990) propõe que apenas duas delas são usuais na língua, quais sejam, a metáfora a partir da metonímia [*metaphor from metonymy*] e a metonímia dentro da metáfora [*metonymy within metaphor*].

⁵ Por si só, já um neologismo formado por empréstimo, acronímia e redução (cf. SILVA; MAIA, 2021).

⁶ Como ocorre nos itens lexicais *aquário*, *berçário*, *leprosário*, *serpentário*.

⁷ Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/reporter-brasil-tarde/2021/04/prontuario-afetivo-humaniza-atendimento-de-pacientes-em-covidario>

⁸ Disponível em: <https://saude.ig.com.br/2021-04-29/brasil-covidario-coordenador-pfizer-covid-vacina-mortes.html>

Na primeira forma de interação, metáfora a partir da metonímia, a metáfora emerge a partir de uma relação metonímica:

O principal ponto é que subjacente à metáfora há a percepção de que o domínio que fornece a estrutura e o domínio-alvo podem ser agrupados de forma natural em uma cena complexa, caso em que, por óbvio, produzem uma metonímia. Os contextos reais em que esses itens se ajustam serão decisivos para a interpretação de uma metonímia ou de uma metáfora de uma metonímia, certamente, com uma área difusa em que é difícil decidir qual das duas é a interpretação mais relevante⁹ (GOOSSENS, 1990, p. 336)

No português brasileiro, a palavra *cego* em uma frase como *o governo permanece cego diante da real situação do país*, pode servir de exemplo para a relação proposta por Goossens (1990). Nesse caso, o adjetivo *cego* é empregado em uma atualização linguística bastante capacitista e discriminatória, assumindo o significado metafórico de *apático* que, ao que tudo indica, emerge a partir de uma metonímia: quando uma pessoa nasce cega ou adquire essa característica durante a vida, ela geralmente não é capaz de enxergar o que está no seu campo de visão, logo, dizer que alguém está cego diante de uma situação, no português do Brasil, convencionalmente ativa de forma metonímica a ideia de que essa pessoa não quer tomar conhecimento da situação ou, ainda, que conhece a situação mas não quer assumir um posicionamento diante dela. A interpretação metafórica de *cego*, nesse contexto, possui uma base metonímica, sendo assim uma metáfora a partir da metonímia.

A segunda forma de interação, metonímia dentro da metáfora, consiste, tipicamente, no caso em que:

uma entidade usada de forma metonímica está inserida em uma expressão metafórica (complexa). A metonímia funciona como o domínio-alvo. Como encontrado nos casos que analisamos, isso geralmente, mas não necessariamente, acontece em conjunto com uma reinterpretação metafórica da entidade relevante dentro do domínio que fornece a estrutura.¹⁰ (GOOSSENS, 1990, p. 336).

Essa forma de interação pode ser ilustrada a partir de uma adaptação do exemplo de Goossens (1990) para o português brasileiro, no qual o autor recorre à metáfora ATENÇÃO É ENTIDADE FÍSICA QUE SE MOVE. A expressão em português brasileiro *prender o olhar*, como em *a transmissão ao vivo da primeira brasileira vacinada foi de prender o olhar*, emerge a partir dessa metáfora, na qual ATENÇÃO é entendida como uma ENTIDADE QUE SE MOVE que pode ser presa. Dentro dessa metáfora, existe ainda a metonímia OLHAR PELA ATENÇÃO, uma vez que o OLHO/OLHAR é a parte do corpo que funciona como veículo para o conceito de ATENÇÃO na metáfora. Trata-se, por isso, de uma metonímia dentro da metáfora, um fenômeno recorrente nos dados de análise de Goossens (1990), ainda que menos frequente que a metonímia a partir da metáfora.

Voltando ao caso de *covidário*, é interessante ressaltar alguns aspectos dessa interação entre metáfora e metonímia. No que tange o seu aspecto metafórico, a metáfora conceptual

⁹ [The main point here is that underlying the metaphor there is an awareness that the donor domain and the target domain can be joined together naturally in one complex scene, in which case they produce a metonymy, of course. The actual contexts into which these items fit will be decisive for the Interpretation as either a metonymy or a metaphor from metonymy, with, of course, a fuzzy area where it is difficult to decide which of the two is the more relevant interpretation]

¹⁰ [a metonymically used entity is embedded in a (complex) metaphorical expression. The metonymy functions within the target domain. As we found out in the instances we analysed, this often, but not necessarily, goes together with a metaphorical reinterpretation of the relevant entity in the donor domain]

PAÍS É ALA HOSPITALAR parece subjazer a expressão, sendo interessante observar que o domínio alvo, PAÍS, pode ser entendido de múltiplas formas, tais como: país como pessoas que conformam a população (pessoas, essas, que estão contaminadas tais quais os pacientes de um covidário), país como extensão territorial demarcada geograficamente (território, esse, demarcado fisicamente tal qual são demarcados os covidários por meio de paredes), país como conjunto de políticas e ações demandadas pela pandemia (tal como um covidário, que necessita seguir uma série de normas e procedimentos para o seu bom funcionamento). Em relação ao aspecto metonímico da expressão, é interessante mencionar as características selecionadas no mapeamento metonímico. Nesse caso, a metonímia LOCAL PELO PAÍS extrai características negativas dos covidários, explicitando, assim, a situação de negligência dos órgãos governamentais durante a pandemia. Quando se diz que o Brasil se tornou um grande covidário, não está se falando na assistência médica aos doentes, nem na aquisição em grande quantidade de insumos para tratamento da COVID, tampouco no cumprimento de medidas sanitárias para evitar a propagação do vírus no local. Embora todas essas características conformem o significado de *covidário* e possibilitem mapeamentos no nível semântico, elas foram deixadas de lado no mapeamento metonímico LOCAL PELO PAÍS em prol de outras características, tais como a alta concentração de pessoas infectadas dividindo um mesmo espaço e o consequente aumento da carga viral desse local, colocando todos em risco de contágio. Trata-se, assim, da metaftonímia *metonímia dentro da metáfora*, adequando-se perfeitamente ao fenômeno discutido por Goossens (1990).

Ainda que seja possível levantar uma série de considerações sobre o item lexical *covidário* e sua relação com a metáfora e com a metonímia, não é objetivo do presente estudo conduzir uma análise exaustiva sobre esse item lexical. Nesta parte do trabalho, nosso principal interesse consiste em abordar e discutir a importância de fenômenos de ordem cognitiva (como a metáfora e a metonímia) para o surgimento de novas palavras e de novos significados linguísticos, chamando a atenção para o papel do uso para que tais processos aconteçam. Os exemplos mencionados nos parágrafos acima ilustram, assim, além da concepção semântico-cognitiva sobre metáfora e metonímia, uma das noções centrais sobre o caráter *usage-based* (perspectiva baseada no uso) da linguagem defendido por um paradigma semântico-cognitivo. Como aponta Geeraerts (2006, p.6), “a experiência de linguagem é uma experiência de uso real da linguagem, não de palavras como elas são encontradas em um dicionário ou de padrões de sentenças como se encontra em uma gramática”¹¹. Fica, assim, evidente que as palavras não carregam significados nelas mesmas, mas orientam a construção de sentido, dando acesso a sistemas de conhecimento necessários para a construção do significado.

5 Teoria prototípica e polissemia: o caso de *máscara*

No que tange a descrição do significado lexical, a Semântica Cognitiva foi responsável por um renovado interesse pelo fenômeno da polissemia, com a ampliação da Teoria Prototípica para a compreensão das categorias lexicais. A Teoria Prototípica começou a ganhar força ao longo da década 1970, mais especificamente com os estudos conduzidos por Rosch (1975, 1968) e Rosch et al. (1976), no âmbito da Psicologia Cognitiva. Nesses estudos, a psicóloga Eleanor Rosch e colaboradores aventaram importantes discussões sobre a natureza das categorias conceituais, que até então se assentavam em ideias oriundas da filosofia grega (cf. ARISTÓTELES, 2005).

A visão clássica de categorização, também conhecida como *modelo das condições necessárias e suficientes*, apoia-se na ideia de que membros de uma mesma categoria

¹¹ [The experience of language is an experience of actual language use, not of words like you would find them in a dictionary or sentence patterns like you would find them in a grammar]

compartilham traços específicos entre si que condicionam seu pertencimento à categoria. Assim, os traços são individualmente *necessários* no sentido de que uma entidade que não apresentar todos esses traços não pertencerá à categoria, e são, ao mesmo tempo, conjuntamente *suficientes*, porque basta que a entidade apresente todos os traços para que seja considerada um membro da categoria (CROFT; CRUSE, 2004, p.76). Um reflexo direto dessa configuração categorial recai sobre o delineamento das categorias, que no modelo de condições necessárias e suficientes possuem fronteiras rígidas, ou seja, claramente delimitadas. Por esse motivo, o pertencimento de uma entidade a uma categoria responde a um sistema de verdadeiro ou falso (KLEIBER, 1990, p.22), no qual membros são incluídos ou excluídos de uma categoria em razão dos traços que apresentam. Outra consequência direta dessa configuração diz respeito à representatividade dos membros de uma categoria, que no caso do modelo de condições necessárias e suficientes é zero. Assim, estando o pertencimento a uma categoria condicionado a um conjunto de traços específicos, todos os membros de uma mesma categoria são igualmente representativos, não havendo expoentes mais ou menos representativos nem mudança de representatividade ao longo do tempo. Os membros são, assim, equidistantes e as categorias possuem natureza homogênea.

Ao acolher a noção de protótipo implementada por Rosch, que sofreu alterações com o avançar dos estudos da pesquisadora (cf. KLEIBER, 1990), a Semântica Cognitiva traz para os estudos da linguagem a noção de categoria prototípica, que, diferentemente do que propunha o modelo clássico de categorização, possui membros mais e menos representativos, limites difusos e natureza heterogênea condicionada à percepção do homem no ambiente no qual está inserido. Essa ideia aplica-se não apenas às categorias conceptuais, idealizadas pela mente, mas também às categorias linguísticas, realizadas pela língua, uma vez que para a Linguística Cognitiva esses dois conceitos estão interligados (TAYLOR, 2003).

A capacidade de categorizar não é restrita aos seres humanos. Conforme pontuam Lakoff e Johnson (1999) e Taylor (2003), até os seres vivos mais simples categorizam ao distinguirem, por exemplo, coisas comestíveis de coisas não comestíveis, situações inofensivas de situações perigosas, ou, ainda, seres com os quais podem acasalar de seres com os quais não podem acasalar. Para Littlemore e Taylor (2014), a capacidade humana de formar categorias deriva desses instintos básicos de sobrevivência, ganhando características complexas que acompanharam nossa evolução como espécie. Dividindo do mesmo ponto de vista, Lakoff (1987) defende que o ser humano categoriza o mundo ao redor ao pensar, agir, perceber e falar, por exemplo, o que torna o estudo da categorização um movimento essencial para se entender o funcionamento da mente humana. Segundo Evans e Green (2006), merece destaque o fato de que a categorização é um processo cognitivo fundamental utilizado pelos seres humanos para diminuir a complexidade do mundo, pois sua principal função é fornecer o máximo de informação com o mínimo esforço cognitivo.

Assim, o ser humano é capaz de saber, por exemplo, como manusear e o que esperar da função de uma máscara se ela for categorizada como um equipamento de proteção ou como um adorno carnavalesco. Segundo a visão de categorização defendida pela Semântica Cognitiva, esse processo se baseia em uma estrutura correlacional que percebemos no mundo, que possibilita prever a categoria de determinada entidade levando em conta alguns poucos atributos - que ocorrem de forma conjunta e que são bastante relevantes - que estariam por trás da avaliação que fazemos dos membros mais salientes dessas categorias. Um exemplo disso é que, no mundo, objetos categorizados como máscaras e que possuem lantejoulas geralmente também possuem glitter, e não selo do INMETRO. É nessa estrutura preditiva que nos baseamos “para formar e organizar categorias” (EVANS; GREEN, 2006, p. 255).

A partir desses princípios fundamentais da percepção do mundo ao nosso redor, surgem efeitos de saliência internos à categoria e efeitos de saliência externos a ela. Desse modo, ao mesmo tempo que alguns membros de uma categoria teriam um *status* privilegiado dentre os

elementos que a compõem, pois geralmente apresentam todos ou mais atributos relevantes para a sua caracterização, algumas categorias também estariam localizadas numa posição taxonômica privilegiada, funcionando como pontos focais para nossa percepção do mundo (ROSCH et al., 1976).

Considerando o contexto da pandemia do novo coronavírus, percebemos que a categoria MÁSCARA sofreu alterações importantes por conta desses efeitos de saliência. A primeira acepção que geralmente encontramos nos dicionários aponta que máscara é um “objeto usado para cobrir o rosto, geralmente como disfarce ou enfeite”, como ilustram as acepções retiradas do Aulete Digital, do Michaelis Online e do Priberam¹²:

Quadro 1. Acepções de *máscara* extraídas de três dicionários do português

AULETE Digital	Michaelis Online	Priberam
1. Objeto de diferentes formatos que cobre o rosto, us. como disfarce, enfeite etc.: <i>Pegou sua máscara de gorila e foi para o carnaval</i>	1 Peça de papelão, plástico, tecido etc., com representação de um rosto ou parte dele, com que se cobre a face de quem a usa.	1. Objeto de cartão, pano, cera, madeira ou outros materiais, que representa uma cara ou parte dela, destinado a cobrir o rosto, para disfarçar as pessoas que o põem.

Fonte: elaborado pelas autoras

No caso do Aulete Digital, na sequência do verbete, não é apresentada acepção de *máscara* relacionada ao seu uso como artefato para proteção contra agentes patogênicos, apenas com relação à proteção física, como é possível observar na seguinte acepção: “4. Objeto us. para proteger o rosto, em certas atividades profissionais ou esportivas: *máscara de soldador, de apicultor, de esgrimista*”. No Michaelis, a acepção de máscara referente à proteção respiratória é apresentada com a marcação médica, mesmo que na redação da definição seja incluída a informação de que seu uso pode se dar por trabalhadores da saúde “ou por qualquer pessoa”: “6 MED Peça retangular ou arredondada de tecido usada por profissional ligado à área de saúde ou por qualquer pessoa, como prevenção de contágios e/ou infecções”. No Priberam, a acepção que nos interessa é trazida apenas na sexta acepção em que se lê: “6. Objeto ou equipamento, geralmente em material maleável, usado sobre o rosto, em especial sobre o nariz e a boca, para filtrar o ar ou como barreira protetora (ex.: *máscara cirúrgica*)”.

Independentemente dos critérios utilizados pelos dicionários para delimitar as acepções a serem incluídas nos verbetes ou dos critérios empregados para a ordenação das acepções, pode-se perceber que um evento do mundo, a pandemia, trouxe como consequência o alçamento de membros antes periféricos de MÁSCARA para o centro da categoria: máscara cirúrgica, respirador PFF2 e máscara de tecido, antes restritos ao contexto médico e a ambientes hospitalares, passaram a ser mais salientes (cf. ARAÚJO et al., 2022). Do mesmo modo, um atributo antes não saliente para a definição de MÁSCARA, “para se evitar a disseminação de doenças/agentes patogênicos”, ganha mais importância, de forma que o contexto (*frame*, cf. próxima seção) de equipamento de proteção passa a ser mais saliente para a categoria como um todo.

Além dos registros lexicográficos, outra fonte de informações que parece reafirmar a mudança de estruturação da categoria MÁSCARA são as próprias embalagens de máscaras profissionais comercializadas como proteção respiratória. Conforme pode ser verificado na tabela abaixo, que transcreve as recomendações de uso de quatro máscaras do tipo PFF2 e uma máscara KN95, o traço que diz respeito à proteção respiratória contra agentes patógenos aparece em apenas dois modelos analisados, que são modelos fabricados com elásticos a serem ajustados atrás das orelhas do usuário, e não atrás da cabeça, como esse tipo de material era

¹²Consulta realizada às obras em junho de 2022.

tradicionalmente fabricado em tempos anteriores ao ano de 2020. A mudança na posição dos elásticos está diretamente relacionada ao uso indiscriminado desse tipo de máscara durante a pandemia, uma vez que facilita a colocação e a retirada da máscara por pessoas que não estavam acostumadas a usar esse equipamento de proteção antes da disseminação do novo coronavírus. Curiosamente, são esses dois modelos “simplificados”, podemos assim dizer, que trazem em suas embalagens a indicação de uso relativa à pandemia, ou seja, a recomendação da máscara como proteção de doenças transmissíveis pelo ar, além da tradicional indicação contra névoas, poeiras e fumaça. Além disso, é interessante observar que o modelo KN95, modelo de máscara chinês que entrou no Brasil após o início da pandemia, imprime em suas recomendações de uso o traço relativo à proteção contra doenças respiratórias como primeira informação, rebaixando a recomendação de uso contra poeira, névoas e fumos à segunda informação, uma organização textual que parece elucidar de modo bastante convincente a importância desse atributo nos dias atuais.

Quadro 2: relação entre marcas de máscaras e recomendações de uso

Marca	Tipo	Recomendação do fabricante
3M	PPF2	“Use para: poeira, névoas e fumos não oleosos até 10 vezes o limite de exposição ocupacional.”
Grazia	PPF2	“Uso – indicações: indicado para a proteção das vias respiratórias contra poeira e névoas.”
Alltec	PPF2	“Instruções de uso: (...) Somente para aerossóis sólidos e líquidos base água (...)”
Supersafety	PPF2	“Uso a que se destina: PPF2-S – Poeiras, névoas e fumos. (Aerossóis solúveis em água / eficiência mínima de filtragem 94%).” (...) “AGENTES BIOLÓGICOS: Este respirador pode ser utilizado para redução da exposição ocupacional por inalação a aerossóis contendo certos agentes biológicos potencialmente patogênicos dispersos no ar. (ex. Mofo, bacillus anthracis, Mycobacterium tuberculosis, etc.). Mas não elimina o risco de contrair infecções, doenças ou distúrbios. Não existe limite de exposição seguros determinados. Para aplicação consultar ‘Cartilha de Proteção Respiratória Contra Agentes Biológicos para Trabalhadores da Saúde’ encontrada no site da ANVISA”
Miralupa	KN 95	“Indicação de uso: Proteção das vias respiratórias contra exposição de agentes biológicos transmissíveis pelo ar, tais como causadores de tuberculose, rubéola, SRAG/SARS, varicela, sarampo, gripes, H1N1 e H4N1. Proteção contra poeira, névoas e fumos não oleosos.”

Fonte: elaborado pelas autoras

Cabe salientar, finalmente, que os protótipos são culturais. No Japão, por exemplo, as máscaras já são usadas pela população de forma sistemática há décadas¹³ com o propósito de evitar contaminação. Portanto, para essa comunidade, o atributo “para se evitar a disseminação de doenças/agentes patogênicos”, certamente já faz parte das características centrais da categoria MÁSCARA.

¹³ Conferir: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53452695> (acesso em julho de 2022).

6 Semântica de *Frames*: o caso de *cloroquina* e de *CPI da COVID*

A noção de *frame* tem sido elaborada de diferentes maneiras por autores que se dedicam ao estudo da linguagem e das interações sociais, com noções que podem ser entendidas como correlatas e complementares, como *scripts*, *frames*, esquemas e *enquadres* (cf. Bateson, 1972; Goffman, 1979; Fillmore, 1982; Tannen e Wallat, 1987). Os *frames* são estruturas esquemáticas que organizam nosso conhecimento do mundo e que estão diretamente ancoradas na experiência social. Em todas as situações sociais, invocamos tais porções de conhecimento de forma tanto a interpretar as ações desempenhadas pelos outros participantes da interação quanto a calcular nossas próprias ações.

Na Linguística Cognitiva, uma das propostas que utiliza esse conceito para a caracterização do significado linguístico a partir de uma visão enciclopédica é a Semântica de *Frames*, idealizada por Charles Fillmore. Nessa teoria, o autor busca dar conta da relação entre experiência, cognição e linguagem. Com base em nossa experiência (social e cultural) em instâncias específicas e situadas de interação, armazenamos conhecimento de caráter esquemático em nossa memória de longo prazo sobre essas cenas, a fim de empregá-lo sempre que nos deparamos com situações semelhantes. Esse conhecimento de *background* para a interpretação das experiências cotidianas com relação à organização do discurso e à interação social não pode ser dissociado do nosso conhecimento sobre a linguagem, pois ele é evocado no uso das unidades lexicais para a atribuição de sentido.

Segundo Fillmore (2009 [1982], p.25), um *frame* é “qualquer sistema de conceitos relacionados de tal modo que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda estrutura na qual se enquadram”. Assim, saber o *frame* ao qual a palavra pertence possibilita o acesso a uma estrutura de conhecimento ampla arraigada na experiência e, conseqüentemente, acesso ao significado lexical. O significado de um item lexical não pode ser avaliado de forma isolada, mas com base no *frame* que dá suporte a sua existência, pois, de acordo com Fillmore (2009 [1982], p. 26), “as palavras representam categorizações de experiências, sendo que cada uma dessas categorias baseia-se em uma situação motivadora que ocorre em determinado contexto de conhecimento e de experiência”.

No exemplo abaixo, podemos verificar que os diferentes usos do item lexical *máscara* apresentados¹⁴ evocam *frames* distintos para sua compreensão:

- Hoje a máscara ainda é acessório importante em nossa sociedade, sendo utilizada em festas folclóricas, rituais sagrados, e em outras situações que expressam a nossa tradição cultural.
- Que tal experimentar a máscara hidratante e reparadora de abacate?
- Máscara para definição de volume nos cílios
- O uso de máscaras em ambientes fechados será obrigatório em Rio Preto, a partir desta quarta-feira.

Cada um desses usos é tipicamente relacionado a situações distintas da nossa experiência, de forma que dependem de *frames* diferentes para sua compreensão. Assim, a polissemia do item *máscara* é suportada pela dependência de cada um dos usos listados acima dos *frames* Adorno, Estética e Equipamentos_de_proteção, respectivamente.

No contexto da pandemia do novo coronavírus, o item lexical *cloroquina* passou a ser associado ao cenário Tratamento. Isso porque, ainda que a cloroquina seja um medicamento utilizado no tratamento da malária e de doenças reumáticas, esse medicamento obteve um bom desempenho contra o vírus da Covid-19 em testes *in vitro*, contudo não demonstrou a mesma eficiência para o combate do vírus em testes *in vivo* (GUERRA, 2020). Ainda assim, no Brasil

¹⁴ Sentenças extraídas da ferramenta de busca do Google em junho de 2022.

e em outros lugares do mundo, um grupo de pessoas passou a defender o uso desse fármaco para o tratamento da Covid-19, entendendo-o como um tratamento eficaz. Outro grupo, apoiado nos resultados de pesquisas que não confirmaram a influência positiva da cloroquina para o tratamento da doença, mesmo que considerando a droga no *frame* Tratamento, entendiam tal droga como um tratamento não eficaz.

Dessa forma, para cada um dos grupos que sustentam diferentes perspectivas políticas e ideológicas, o item *cloroquina*, mesmo que evocando o mesmo *frame*, seleciona porções distintas desse *frame* e relaciona seus elementos de forma divergente, resultando em tratamento eficaz e tratamento não eficaz. Assim como as unidades lexicais *ivermectina*, *kit covid* e *tratamento precoce*, *cloroquina* evoca o *frame* *Pandemia* e, mais especificamente, o subframe *Tratamento*: ao introduzir um elemento, todos os outros são disponibilizados automaticamente. Contudo, cada grupo ideológico apresenta diferentes pontos de vista para interpretar a mesma cena do mundo. Nesse caso, há uma espécie de polissemia, pois o item se ajusta a duas formas opostas de perspectivar o fármaco com relação a *Tratamento*.

Outro item lexical que se alinha à presente discussão diz respeito à *CPI da Pandemia*. Segundo Fillmore (1982), os *frames* fornecem a base para a compreensão da própria existência de certas palavras e expressões, pois formam um sistema de categorias estruturado de acordo com um determinado contexto motivador. No Brasil, durante a pandemia, foi instaurada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar, dentre outros, a omissão do governo federal ao longo da pandemia na aquisição de vacinas, a demora em intervir na aquisição de insumos básicos, como oxigênio, e as fraudes e irregularidades em contratos e licitações. A expressão *CPI da Pandemia* foi o nome oficial dado pelo legislativo para essa comissão, unidade lexical que coloca em evidência o fato central responsável pelas irregularidades investigadas: a pandemia.

Outras expressões utilizadas pelos falantes para designar a comissão são *CPI da Covid*, que põe em destaque a doença que desencadeou as ações investigadas, *CPI do genocídio*, utilizada por opositores do governo federal e que evidencia a responsabilidade e omissão do governo na morte desnecessária de milhares de pessoas, e *CPI do Circo*, expressão utilizada por apoiadores do governo, que percebiam a CPI como uma tentativa de exposição proposital e descabida de adversários políticos contra o governo federal. Percebe-se, assim, que essas expressões partem de entendimentos distintos da mesma cena referencial, porém, cada uma delas sustentada por narrativas e modelos de entendimento diferentes para o fato em questão. Em resumo, cada expressão codifica, por meio das diferentes escolhas linguísticas, a experiência de um grupo específico de pessoas sobre o mesmo fato do mundo.

7 Considerações finais

O presente trabalho, fundamentado no arcabouço teórico da Semântica Cognitiva, analisou itens lexicais relacionados à pandemia do novo coronavírus com o objetivo de destacar a relação entre fenômenos linguísticos, conceptuais e sociais. Nossas análises evidenciam a pertinência de uma análise semântico-cognitiva dos processos envolvidos na criação e utilização do léxico analisado, principalmente por permitir dar conta do caráter perspectivador, da flexibilidade e da dinamicidade do significado linguístico. Além disso, ao incorporar a noção de *conhecimento enciclopédico* para a caracterização semântica dos itens lexicais avaliados, foi possível contemplar importantes aspectos sócio-culturais na análise semântico-lexical realizada.

Ainda que o presente artigo tenha conseguido relacionar diferentes fenômenos de ordem lexical a distintas teorias pertencentes ao arcabouço da Semântica Cognitiva, as análises ainda representam um nicho bastante sucinto de averiguações se levarmos em conta a diversidade de

novas conceitualizações e lexicalizações motivadas pela pandemia. Por conta dos critérios de seleção dos itens lexicais avaliados, ficaram de fora da presente análise uma série de itens lexicais relevantes para a discussão, tais como como *xepa da vacina*, *sommelier de vacina* e *fura-fila da vacina*, por exemplo, que serão abordados em outra oportunidade sob o viés da relação entre léxico, pandemia e experiências culturais.

Assim, ainda que a presente análise não tenha tido a pretensão de exaustividade e tampouco de esgotar a discussão acerca do papel da cognição nas mudanças lexicais e conceituais de uma língua, ela fornece elementos importantes para enfatizar a importância da análise lexical para o entendimento de fenômenos cognitivos refletidos pela linguagem e da pertinência da análise do léxico sob o prisma da Semântica Cognitiva.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. de; LUZ-FREITAS, M. de S.; RIBEIRO, P. T.; FILHO, J. A. F. Ventiladores pulmonares, respiradores e máscaras: a variação denominativa e conceitual na subárea de produtos para saúde em época de Covid-19. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, n.61, v.1, p.34-45, 2022.
- ARISTÓTELES. Categorias. In: ARISTÓTELES. **Órganon**. Tradução do grego, textos adicionais e notas de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2005. p. 39-80.
- AULETE DIGITAL. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon/Odisséia, 2022. Disponível em <https://www.aulete.com.br/>
- BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: Ribeiro, B. T.; Garcez, P. M. (orgs.) **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002 (1982).
- CLEMPI, C. B.; BALESTERO, M. S. Covid-19 e variação terminológica: os reflexos da pandemia na língua. **Linguagem**, v.40, p.121-145, 2021.
- COSTA, T. Sobre a permeabilidade do léxico à pandemia: A frequência e os sentidos das palavras no discurso noticioso. **Études Romanes de Brno** 42, p. 73-93, 2021/1.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- EVANS, V.; GREEN, M. **Cognitive Linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- FERRAZ, A. P.; LISKA, G. J. R. Pandemia e neologia em manchetes jornalísticas: criatividade lexical em foco. **Estudos Linguísticos**, v.50, n.3, p.1047-1063, 2021.
- FILLMORE, Charles J. An alternative to checklist theories of meaning. In: **Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**. 1975. p. 123-131.
- FILLMORE, C. Frame semantics. In: The Linguistic Society of Korea (ed.). **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-137.
- FILLMORE, C. Semântica de Frames. In: SIQUEIRA, M. (org). **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS. 2009. p.25-54.
- GEERAERTS, D. Introduction: a rough guide to Cognitive Linguistics. In: GEERAERTS, D. (Org.). **Cognitive Linguistics: basic readings**. Berlin: Mouton de Gruyter. 2006. p.1-28
- _____. **Theories of Lexical Semantics**. New York: Oxford University Press, 2010.
- GOOSSENS, L. Metaphonymy: The Interaction of Metaphor and Metonymy in Expressions for Linguistic Action. **Cognitive Linguistics**, [S.l.], v.1, p.323-340, 1990. DOI: <https://doi.org/10.1515/cogl.1990.1.3.323>.
- GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.) **Sociolinguística Interacional**. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola. 2002 [1979]. p. 107-148.
- GUERRA, FM. Do *in vitro* ao *in vivo*: a eficácia da cloroquina no tratamento da Covid-19. **J Évid-Based Healthc**. 2020; 2(1):106-111. doi: 10.17267/2675-021Xevidence.v2i1.2960
- GUI, L. Media framing of fighting Covid-19 in China. **Sociology of Health & Illness**, v.43,

- 2021, p.966 - 970. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-9566.13271>
- HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. *Dictionary of lexicography*. London/ New York: Routledge, 2002.
- KLEIBER, G. *La sémantique du prototype*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things*. What categories reveal about the mind. Chicago/ London: The University of Chicago Press, 1987.
- _____; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- _____; _____. *Philosophy in the flesh*. The embodied mind and its challenge to western thought. Nova York: Basic Books, 1999.
- LITTLEMORE, J.; TAYLOR, J. R. Introduction. In: LITTLEMORE, J.; TAYLOR, J. R. (Eds.) *The Bloomsbury companion to cognitive linguistics*. London: Bloomsbury, 2014. P.1-25
- MICHAELIS. *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>
- OLIVEIRA, A. F. S. (org.). *LEXICovid-19: dicionário enciclopédico do novo coronavírus*, 2020. Disponível em: <https://www.lexicovid19.com.br/>
- OLIVEIRA, A. F. S.; PIPER, G. H.; GATTI, C. R. Utilização de corpora extraídos da web em um dicionário enciclopédico do novo coronavírus. *Letras*, (62), 2021. <https://doi.org/10.5902/2176148568117>
- PRIBERAM. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Priberam Informática, 2022. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/>
- ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology: General*, v.104, n.3, p.192-233, 1975.
- _____. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. B. (Eds.). *Cognition and categorization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1978. p. 27 - 48
- _____; MERVIS, C.B.; GRAY, W.D.; JOHNSON, D.M.; BOYES-BRAEM, P. Basic objects in natural categories. *Cognitive Psychology*, v.8, n.3, p. 382-439, 1976.
- SAMPAIO, A. de S. Fraseologia em tempos de pandemia: o fenômeno da desfixação lexical em memes sobre a Covid-19. *Linguasagem*, v.40, p.44-77, 2021.
- SILVA, F. M.; MAIA, J. S. S. Neologismos na mídia em meio à pandemia de Covid-19. *Fórum Linguístico*, v.18, n.2, p. 6079-6100, 2021.
- TANNEN, D.; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame / consulta médica. Trad. Parmênio Camurça Citó. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. (orgs). *Sociolingüística Interacional*. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002 [1987].
- TAYLOR, J. R. *Linguistic Categorization*. New York: Oxford University Press, 2003.
- VOLP. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 6.ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2021/2022. Disponível em <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>
- WICKE, P.; BOLOGNESI, M. M. Framing Covid-19: How we conceptualize and discuss the pandemic on Twitter. *PLoS ONE*, v.15, n.9, p.1-24, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0240010>